

Um estudo exploratório sobre os motivos e os significados associados à prática da pesquisa em estudantes universitários¹

Isabel Cristina Dib Bariani²

Instituto de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas

Este estudo foi realizado com o objetivo de obter informações exploratórias com alunos-pesquisadores, sobre algumas variáveis relevantes para a formação científica de universitários. Foram identificados 43 estudantes do Curso de Psicologia, PUCCAMP, da 1ª à 4ª séries, que estavam realizando pesquisa na época da coleta de dados, os quais responderam a um questionário sobre esta atividade. A análise dos resultados indica que os alunos-pesquisadores consideram que fazer pesquisa é uma atividade que busca conhecer a realidade e produzir conhecimento, é "muito" importante, interessante, desafiadora e gratificante, mas também é "muito" difícil e trabalhosa e "um pouco" chata e cansativa. Os fatores principais apontados como motivadores para a realização de pesquisas são as contribuições desta prática para a vida acadêmica e para a formação profissional.

Palavras-chave: Alunos, Pesquisadores, Pesquisa em Psicologia

Abstract

An exploratory research about motives and meanings related to research practice in university students

The aim of this study was to obtain exploratory information from student researchers on some variables relevant to the scientific development of university students. Forty three students from the Psychology Course at PUCCAMP were selected. They were first and fourth year students doing research at the stage of data collection. A questionnaire on their research activity was answered by them. The analysis of the results indicates that the student researchers consider doing research and activity which seeks awareness of reality and the production of knowledge; it is not only "very" important, interesting, challenging and gratifying, but also "very" difficult and arduous as well as "bit" boring and tiresome. What motivates the accomplishment of research are its academic contribution as well as professional shaping.

Key words: Student-Researchers, Research in Psychology

Este estudo foi realizado com o objetivo de identificar variáveis relevantes associadas ao processo de formação científica de estudantes universitários.

O ensino superior tem sido relativamente negligenciado como objeto de estudos teóricos e empíricos pela Psicologia, embora ele tenha um papel preponderante para a sociedade por

ser a base natural e institucional do conhecimento, através da pesquisa.

Tem sido enfatizado por vários autores, como por Moraes (1986, p. 79) que "a qualidade de vida de um povo é decorrência das condições socioeconômicas de seu país. Ambas, por sua vez, estão intimamente ligadas à sua produção científica". Um país somente atingirá a sua emancipação, de modo a colocar-se na vanguarda junto às primeiras potências do mundo, se voltar as suas preocupações para o desenvolvimento, a criação e a solução de problemas de maneira original, com idéias próprias. E a instituição responsável pela deflagração de iniciativas que conduzam a sociedade a essas

1. Este estudo contou com a colaboração da acadêmica Sandra Olivetti Mattiello, aluna do curso de Psicologia do Instituto de Psicologia, Puccamp.

2. Doutoranda em Psicologia Educacional, FE, Unicamp.

Endereço para correspondência: Instituto de Psicologia, Rua Marechal Deodoro, 1099, CEP 13100-000, Campinas, SP.

ações é a universidade. A produção científica continua prioritariamente sob a sua responsabilidade. Cabe à universidade papel de destaque no que tange ao domínio do saber, à sua produção e na preparação da comunidade para bem utilizá-lo.

Além disso, é compromisso da educação superior oferecer uma sólida preparação científica a docentes e discentes. Entretanto, a universidade não tem ensinado o futuro profissional, nos níveis necessários, a estudar cientificamente a sua realidade, embora isto seja uma atividade básica da vida acadêmica e deveria fazer parte central na formação do estudante, considerando-se que "o bom aluno não é aquele que repete bem, que apenas segue o professor, o bom leitor, mas aquele que aprende a andar com os próprios pés, que se eleva ao nível de construtos da ciência" (Demo, 1987, p. 37).

De um modo geral, o 3º grau tem dado ênfase quase que absoluta à formação do profissional para os diferentes campos de atuação, em detrimento da formação do pesquisador, entendendo, aliás, essas competências quase que de maneiras distintas. Isto pode, em parte, ser justificado pelo fato de o mercado de trabalho extra-universitário não estar, neste momento, ainda aberto para a absorção ampla do cientista (Carvalho, 1983).

Porém, deve ser salientado que a formação científica ultrapassa os limites da atuação única e especificamente enquanto pesquisador. Há, por exemplo, a possibilidade de formação do profissional-pesquisador, capaz de organizar de forma sistemática as ações e/ou o produto do seu trabalho cotidiano de modo a produzir conhecimento "novo", demonstrando que o resultado avança em relação ao que se conhecia, até então, a respeito do fenômeno envolvido (Luna, 1989). Ou que lance mão da realização de pesquisa, em seu local de trabalho, para subsidiar as suas ações profissionais.

Pode-se, ainda, pensar na formação de um sujeito que tenha capacidade para uma participação produtiva em eventos científicos, e

numa última perspectiva (última, não em termos de relevância), deve ser apontada a importância de se preparar o "consumidor" de pesquisas, habilitado a tecer críticas teórica e metodológica às publicações consultadas para o seu aprimoramento pessoal.

Na prática, parece que o aluno chega à universidade, e a conclui, imbuído da tarefa de absorver conhecimento e não de produzi-lo.

Bachrach (1972, p. 1) inicia seu livro apontando que "muitos estudantes assustam-se e afastam-se da agradável realização da pesquisa, porque a igualam ao tédio e às complicadas manipulações estatísticas". Mas, após mais de duas décadas, não se pode ter certeza de que este motivo destacado por Bachrach perdure, principalmente se forem considerados a diversificação de tendências metodológicas e conseqüentemente de tratamento de dados e o aperfeiçoamento da informática ora presentes.

O fato é que não se tem conseguido cultivar adequadamente no aluno o gosto pela atividade científica, o gosto pela descoberta, pela busca do "novo".

Ao se refletir sobre o assunto, várias questões se fazem presentes, referentes às condições de ensino e de pesquisa na universidade, ou às características do corpo discente e às requeridas a um cientista.

Quanto às condições de ensino, pode-se questionar se as disciplinas que abordam metodologia de pesquisa necessitariam de um tratamento diferenciado. Por exemplo, Cunha (1989) aponta que a satisfação da necessidade de ação do aluno em sala de aula é um dos fatores principais de aprendizagem. Essa ação poderia favorecer, em especial, o seu desempenho nas disciplinas mencionadas?

Por outro lado, é reconhecido que o professor não ensina no vazio. O ensino é sempre situado, com condições definidas e alunos reais. Certamente, tanto as características do professor, quanto as dos estudantes são relevantes, pois elas influem no próprio desenvolvimento do conhecimento e na produtividade da ciência.

Também parecem importantes as peculiaridades da atividade científica, ou as características do sujeito-pesquisador. De acordo com Gil (1987), p. 20) "o êxito de uma pesquisa depende fundamentalmente de certas qualidades intelectuais e sociais do pesquisador..." Na opinião de vários autores (como Bachrach, 1972; Gil, 1987; Moraes, 1986; Wood, 1990) encontram-se entre as condições indispensáveis para o investigador: interesse, curiosidade intelectual, criatividade, perseverança no trabalho, integridade intelectual, independência cognitiva e auto-disciplina. Para Bachrach (p. 5), "entre as qualidades de que necessita um bom pesquisador a mais importante é a que Pasteur denominou de mente preparada..., uma combinação de conhecimentos básicos acumulados e uma prontidão para perceber o extraordinário".

Fazendo menção às características do cientista, pode-se, ainda, citar a importância do pensamento dialético, do pensamento contextual e do pensamento probabilístico. Kerlinger (1980) aponta que a probabilidade e o pensamento probabilístico são o núcleo da moderna ciência comportamental, que são incapazes de nos fornecer certezas, oferecem apenas conhecimentos probabilísticos.

Assim, as características de um cientista competente são indicadas por vários autores, mas nenhum dels explicita em que condições elas devem estar presentes, ou como podem ser desenvolvidas. Consultando a literatura especializada, tem-se a sensação de que muito do que é escrito sobre a questão do ensino-aprendizagem da pesquisa é mera especulação. Embora não se tenha realizado, até o momento, uma ampla revisão bibliográfica, não foi encontrado nenhum estudo nacional que tenha se preocupado especificamente com este assunto. Quanto à literatura internacional, a maioria das investigações (como a de Kyvik, 1990, e a de Wood, 1990) tem se voltado para a avaliação do desempenho do pesquisador, no sentido de verificar a sua produtividade.

Em uma investigação realizada por Shore, Pinker e Bates (1990), com 49 pesquisa-

dores de uma grande universidade canadense (com muita tradição em pesquisa), foram verificadas possíveis relações entre as atividades desenvolvidas enquanto pesquisadores e os métodos adotados para o ensino de seus alunos. Uma das perguntas formuladas neste estudo foi: "Como você ensina metodologia de pesquisa para seus alunos?". Os professores se dividiram em quatro categorias de respostas, sendo que 12, a maioria das ciências naturais e sociais, especificaram que eles não ensinam métodos de pesquisa, os alunos os descobrem independentemente, por ensaio e erro. Os alunos de 10 outros estudam os modelos de delineamentos de pesquisa que são descritos na literatura. Um terceiro grupo de 10 professores supervisiona os projetos dos alunos, mas não os dirige ativamente ou trabalha com eles. O maior número de professores, 17, ensina métodos de pesquisa com exemplos e seus alunos trabalham com ele em uma espécie de "noviciado" em pesquisa.

Como pode ser notado a partir do exposto, há apenas alguns poucos dados sobre o ensino-aprendizagem da atividade de pesquisa. Parece não haver, principalmente no contexto brasileiro, estudos que tenham se dedicado ao aprofundamento deste conhecimento. Diante disto, optou-se, como um primeiro passo para o estudo deste assunto, pela busca de informações exploratórias com alunos-pesquisadores, sobre as suas características pessoais, os motivos que os levaram à prática da pesquisa e os significados associados à mesma.

Método

Serviram como sujeitos deste estudo os alunos do Curso de Psicologia da PUCCAMP que estavam realizando pesquisa na época da coleta de dados (segundo semestre de 1993). Foram identificados 43 alunos-pesquisadores (um da 1ª, trinta da 2ª, dois da 3ª e dez da 4ª série), com idade média de 22 anos, sendo 38 do sexo feminino e 5 do masculino.

A estes estudantes foi solicitado que respondessem a um questionário contendo 18

questões (de múltipla escolha, abertas e em forma de escala) relativas à atividade de pesquisa. A modalidade de escala utilizada foi a de intensidade, com 5 pontos, variando entre as dimensões "pouco" e "muito". A ordem de apresentação das questões foi aleatória, exceção feita às que se destinavam à coleta de dados pessoais.

As questões versavam sobre a sua experiência anterior em pesquisa (quantidade); condição de participação na pesquisa atual e nas anteriores: como auxiliar, autor, co-autor ou outra; vinculação da pesquisa atual: a uma disciplina do Curso, a um local de estágio curricular ou extra-curricular, a bolsa de iniciação científica ou outra e se era remunerado para a realização da pesquisa. Também foram solicitados a se auto-avaliarem quanto às características pessoais: criativo, intelectualmente curioso, esforçado, atento, perseverante, auto-disciplinado, e quanto aos seus conhecimentos sobre metodologia de pesquisa. Uma questão investigava os motivos que os levaram a se engajar em uma pesquisa e duas delas eram destinadas às condações dos alunos a respeito de "fazer pesquisa científica", sendo uma aberta e a outra em forma de escala com os seguintes itens: contribui para a formação profissional, é interessante, é trabalhoso, é difícil, é desafiador, contribui para a vida acadêmica, é importante, é chato.

Resultados

Dos informantes, 32% participava de uma pesquisa pela segunda, terceira, ou quarta vez, sendo as experiências anteriores nas condições de auxiliares, anteriores e co-autores. Quanto à participação na pesquisa atual, estas eram: 23% como auxiliares, 7% como autores e 70% como co-autores. A maioria (67%) desenvolvia esta atividade junto a uma disciplina do curso, mas não com o caráter de obrigatoriedade e os demais, vinculados a estágios extra-curriculares, a bolsas de iniciação científica, ou sem qualquer vínculo. Apenas 18,6% tinha bolsa de iniciação científica.

Ao se auto-avaliarem (através da escala de 5 pontos) quanto a algumas características pessoais (consideradas por vários autores como importantes para um investigador, como citado anteriormente) e quanto aos seus conhecimentos sobre metodologia de pesquisa, apontaram que se consideram, em ordem decrescente de "muito" (5) para "pouco" (1); intelectualmente curiosos (M=4), esforçados (M=3,95), atentos (M=3,9), perseverantes (M=3,65), auto disciplinados (M=3,56), criativos (M=3,12) e com conhecimento sobre metodologia de pesquisa (M=2,79).

Indagados sobre o que os levou a se engajarem em uma pesquisa, as respostas se concentram em aspectos relativos à curiosidade, a interesses pessoais por assuntos ou áreas de conhecimento específicos; interesse em conhecer metodologia de pesquisa e aprender a pesquisar; por ser uma atividade que é importante e contribui para a vida acadêmica e a formação profissional. Apenas um estudante apontou como fator principal a remuneração, mas este também salientou a importância do desenvolvimento de pesquisa para a formação acadêmica.

Quanto às considerações do aluno sobre "fazer pesquisa científica", as respostas à escala e à questão aberta foram bastante congruentes entre si, assim como com as respostas à questão que investigava os motivos que os levaram a se engajar em uma pesquisa. Frente à escala, apontam que trata-se de uma atividade "muito importante (M=4,57), interessante (M=4,47), desafiadora (M=4,05), que contribui "muito" para a vida acadêmica (M=4,6) e para a formação profissional (M=4,57), mas também é trabalhosa (M=4,4), difícil (M=3,77), e um "pouco" chata (M=1,87).

As respostas às questões abertas "O que o levou a se engajar em uma pesquisa?" e "Para você, fazer pesquisa é..." são bastante similares. Os estudantes indicam que realizam pesquisas por ser esta uma atividade que busca conhecer a realidade, busca construir conhecimentos, é interessante, importante, gratificante e de-

safiadora, é importante para o currículo, proporciona melhoria para a vida acadêmica e para a formação profissional. Apontam, também, que fazem pesquisas pela experiência em si, pelo interesse em aprender como se faz pesquisa, ou pela curiosidade e interesse em assuntos específicos. Ainda mencionam que requer muito esforço e criatividade, não é muito motivador, é um pouco chato e cansativo.

Duas respostas merecem ser aqui transcritas por traduzirem, em grande parte, o que realmente ocorre no dia-a-dia de um cientista. Para estes alunos fazer pesquisa é: "Um encontrar-se e perder-se constante e alternado, um desafio fantástico" e "...recriar o mundo, para aprender e ensinar para a vida".

Discussão

Inicialmente, é importante lembrar que continuam previstas em Lei as seguintes finalidades da universidade: o ensino, a pesquisa e a extensão; sendo que esta última deveria estar integrada ao ensino, sendo ambos enriquecidos pela pesquisa. Desse modo, a massa crítica de recursos produzida pela universidade seria estendida à comunidade em forma de prestação de serviços. Porém, as condições dadas efetivamente para a pesquisa não são explicitadas em Lei e vários autores (como Marques, Formiga, Franco e Carneiro, 1989) concordam que é neste aspecto que reside o impasse ao qual está subordinado o ensino, levando-o a apresentar muitas deficiências e dificuldades para o cumprimento da sua função diante da sociedade.

Sabe-se que grande parte das instituições de ensino superior brasileiras é hoje essencialmente uma reprodutora de conhecimentos, pouco têm produzido e menos ainda têm incentivado o corpo discente a fazê-lo.

Luna (1992), discutindo a questão da produção científica de docentes do ensino superior, aponta dois fatores possivelmente explicativos para a baixa produção de pesquisas: "1. o professor pode, sabe e quer fazer pesquisa, mas não lhe são oferecidas condições para isso e 2.

o pesquisar não é a atividade preferida de parte dos professores" (p. 100).

Diante destas hipóteses questiona-se: como pode o professor cultivar no aluno o gosto pela atividade científica, o gosto pela descoberta, pela busca do "novo", se ele próprio não o tem, ou não o exerce por falta de condições para tal?

Várias outras questões podem ser formuladas em relação aos alunos identificados como realizadores de pesquisa na universidade, dentre elas: "Que processos psicológicos sustentam esta prática?", "Aspectos relativos ao estilo cognitivo seriam responsáveis por este desempenho?", "Que fatores podem ser considerados como facilitadores e inibidores do trabalho científico"?

Os respondentes deste estudo apontam uma série de aspectos positivos associados ao desenvolvimento de pesquisas. A atitude eminentemente ativa do aluno frente à produção de conhecimento seria responsável por esta avaliação, como sugere Cunha (1989)?

Campos (1970, p. 30) enfatizou já há mais de duas décadas que "como a única atitude é aquela que se traduz por iniciativa própria, a qual resulta, por sua vez, de um estado mental de alerta com relação às insinuações de ação do meio ambiente, habituar o jovem a perceber as correntes de idéia que flutuam, captar os sinais precoces de fenômenos que se esboçam a fim de força-lhe a direção - obrigá-los ou a tomar corpo ou a desvanecer - é a missão do educador do século XX... Podemos afirmar, portanto, que a tarefa do professor de nossos dias é tanto *ensinar fatos*, quanto a *descobrir fatos*".

Estes estudantes-pesquisadores não só desenvolviam suas investigações por iniciativa própria, como também não eram remunerados por esta atividade, exceção feita a apenas 18,6% deles.

É interessante notar que, a despeito das condições adversas fornecidas pela universidade para a pesquisa (falta de incentivo, escassez financeira, material e pessoal), 32% dos informantes respondeu que já tinha experiência

anterior em pesquisa, o que indica um real interesse por esta atividade, embora a considerem relativamente trabalhosa e difícil.

Embora não haja diferença entre as médias das respostas dos alunos de 2ª e de 4ª séries ao avaliarem os seus conhecimentos sobre metodologia de pesquisa, tem-se que enquanto dos 30 respondentes da 2ª série, 27 realizavam pesquisa pela primeira vez, dos 10 estudantes da 4ª série, somente um tinha na pesquisa atual a sua primeira experiência. Parece que quanto mais o aluno se dedica à atividade de pesquisa, mais descobre que tem muito a aprender sobre ela.

Pela análise dos dados verbais, parece que o engajamento em atividades de pesquisa se deve muito mais ao interesse em adquirir conhecimentos teóricos gerais e em especial sobre metodologia de pesquisa e a aprender a pesquisar, do que à produção de conhecimentos "novos", embora demonstrem saber ser esta a função principal da pesquisa científica. Pode-se dizer que é esperado e até mesmo desejável, num primeiro momento, que o estudante esteja muito mais preocupado com a sua formação do que com a sua produção enquanto cientista.

Preocupações com a vida acadêmica e com a formação profissional são dados que aparecem sistemática e enfaticamente nas respostas destes alunos e podem ser considerados como os fatores mais relevantes, no sentido de serem determinantes na busca de oportunidades para a prática da pesquisa. Diante destes dados, uma última pergunta deve ser formulada: "Os demais alunos, que não realizam investigações científicas durante o período que cursam a universidade, não têm estas mesmas preocupações, ou não consideram a atividade de pesquisa como um elemento importante para a sua vida acadêmica e sua formação profissional, ou simplesmente não produzem pesquisas por falta de incentivo e oportunidade para tal"?

Considerações finais

A universidade precisa potencializar e otimizar a iniciação científica de seus estudantes, dando-lhes oportunidades não só de realizar pesquisas, mas talvez, principalmente, de desenvolvimento de uma atitude científica.

Deve-se "promover meios para que eles se familiarizem com as tarefas da investigação, de modo a poder atender aos eventuais chamados de uma 'vocação' que é necessidade de nosso tempo" (Campos, 1970).

Dados mais precisos e detalhados a respeito da iniciação científica na PUCCAMP (assim como nas demais universidades brasileiras) poderão favorecer os momentos de tomada de decisão e as ações em direção à intensificação e otimização desta prática. Assim, pretende-se ampliar e aprofundar este estudo, investigando não só junto a alunos-pesquisadores, mas também junto aos demais estudantes e seus professores, das diferentes áreas de conhecimento.

Referências

- BACHRACH, A. J. (1972) *Introdução à Pesquisa Psicológica*. São Paulo, Herder. (Tradução de Geraldina Porto Witter do original em inglês de 1965)
- CAMPOS, M. A. P. (1970) A Atitude Mental do Pesquisador. In Irany Novah Moraes e Alípio Corrêa Neto. *Metodização da Pesquisa Científica*. São Paulo, Edigraf.
- CARVALHO, A.P. (1983) A educação superior brasileira em nova perspectiva: O papel da universidade no desenvolvimento científico e tecnológico. *Estudos e Debates*, 8: 21-37.
- CUNHA, M.I. (1989) *O Bom Professor e sua Prática*. Campinas, Papirus.
- DEMO, P. (1987) *Introdução à Metodologia da Ciência*. São Paulo, Atlas.
- GIL, A.C. (1987) *Como Elaborar Projetos de Pesquisa*. São Paulo, Atlas.
- KERLINGER, F.N. (1980) *Metodologia da Pesquisa em Ciências Sociais: Um tratamento conceitual*. São Paulo, EPU/EDUSP. (Tradução de Helena Mendes Rotundo do original em inglês de 1979).
- KYVIK, S. (1990). Age and scientific productivity: Differences between fields of learning. *Higher Education*, 19 (1): 37-55.
- LUNA, S.V. (1989) O falso conflito entre tendências metodológicas. In Ivani Fazenda (Org.) *Metodologia da Pesquisa Educacional*. São Paulo, Cortez.
- _____. (1992) Pesquisa, docência e produção. In Arlette D'Antola (Org.) *A Prática Docente na Universidade*. São Paulo, EPU.
- MARQUES, E.A., FORMIGAL, L.C.D., FRANCO, M.A.G. e CARNEIRO, S.M.S. (1989) Ensino e pesquisa na universidade: Questão de Lei ou de visão de mundo? *Caderno de Pesquisa*, 69: 5-16.
- MORAES, I.N. (1986). *Perfil da Universidade*. São Paulo, Pioneira.
- SHORE, B.M., PINKER, S. & BATES, M. (1990) Research as a model for university teaching. *Higher Education*, 19 (1): 21-35.
- WOOD, F. (1990) Factors influencing research performance of university academic staff. *Higher Education*, 19 (1): 81-100.